

ADFA

Este número sai com alguns dias de atraso. Tal facto é devido à reestruturação da nossa tipografia.

AS NOSSAS DESCULPAS.

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

PROPRIEDADE ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO

Associação dos Deficientes das Forças Armadas
Palácio da Independência - Largo de S. Domingos - Lisboa - Telef. 36 21 67
Director Interino - António G. Calvino

Comp. e Imp.

Tip. Escola da A. D. F. A.
Rua Artilharia Um — LISBOA

EDITORIAL

Os caminhos do futuro estão abertos, necessário se torna agora construí-los de acordo com as necessidades e anseios de cada um e de todos em geral, isto é, moldá-los à maneira de ser e querer do Povo Português. As hesitações, os receios o medo e a cobardia dos edificadores do futuro constituirá para estes um punhal que pende já sobre as suas costas e para o inimigo do Povo constituirá um trunfo que bem aproveitado seria. Quem não deve não teme. E quem tem medo de construir o seu próprio futuro? Quem levanta a cabeça do árduo trabalho em que estamos empenhados para ouvir a peçonhenta voz do burguês que diz — Vais mal, não te afastes da minha capa protectora? Quem pretende voltar a perder-se nos meandros da ignorância e do obscurantismo? Ninguém quer, nós não queremos. Queremos, sim, agarrar-nos às liberdades que conquistámos.

Mas a liberdade... a liberdade não é objecto que se ache e se guarde no cofre ou na gaveta. A liberdade é um monte sem cume, a palmilhar e subir sem fim. É um engano considerarmos a liberdade um planalto atingido com uma guerra de cravos. Diríamos mesmo tal como as coisas estão postas, neste pé, continuamos a distorcer a liberdade.

Cercear ao homem o direito que ele tem, ou deve de ter, de construir progressivamente, não se coaduna de modo algum com uma revolução; deixar o homem subir alguns degraus, mas logo fazê-lo parar no patamar seguinte e obrigá-lo a aí permanecer, é, não tenhamos dúvidas, fazer uma repetição, amarfanhar novamente a dignidade e a força e capacidade humana.

Não é por etapas, o mesmo quer dizer, de mão em mão, que o Povo Português quer progredir, ele quer uma evolução rectilínea, dono e senhor de si.

REUNIÃO DE TRABALHO COM DEFICIENTES CIVIS

No cumprimento do estabelecido na sessão de esclarecimento e consciencialização, realizou-se na nossa Sede (Palácio da Independência) no passado dia 15 de Fevereiro a anunciada reunião de trabalho com os deficientes civis e cuja ordem de trabalhos incluía os seguintes pontos: análise da situação dos deficientes em Portugal, seu aproveitamento para a manutenção das estruturas fascistas por organizações fantoches e discussão e aprovação duma plataforma de acção

lança do que aconteceu com os deficientes militares que criem o embrião de uma verdadeira associação, para que os deficientes se integrem no processo de emancipação do Povo Português. Neste momento a nossa força permite-nos poder juntar aos trabalhadores para com eles lutarmos para derrubar as estruturas que ainda nos oprimem».

Durante a reunião foi decidido enviar para a submeter à apreciação de todas as associações e ins-

aclamação e constava de uma proposta que continha mais dois pontos: a instituição de uma quota obrigatória, não inferior a cinco por cento, do emprego de deficientes no sector público e privado; e que cada empresa com mais de vinte empregados seja obrigada, no caso de não querer empregar deficientes, a contribuir mensalmente com um imposto igual ao salário mínimo nacional, com o qual poderão ser criadas fábricas e oficinas destinadas a empregar deficientes.

Alguns aspectos da situação dos deficientes no nosso País foram evidenciados, no decurso da reunião, onde se exprimiu o número de deficientes que existem em Portugal: 30.000 deficientes vítimas da guerra e cerca de 900.000 deficientes de idade compreendida entre 20 e 64 anos.

Se se considerar, frisou-se, que cerca de 50.000 deficientes são chefes de família, número que está longe de ser exagerado, pode-se calcular em 100.000 pessoas atingidas, o que representa, no total, que o problema dos deficientes atinge no nosso país, directamente, à volta de 1.100.000 pessoas, ou seja mais de 10% da população.

Na sequência de perguntas formuladas de entre as quais se perguntou se a ADFA ignora a existência da A.P.D. (Associação Portuguesa de Deficientes) e a C.P.R. (Comissão Permanente de Reabilitação) um dos componentes da mesa disse:

«Uma coisa que não ignoramos é que o Povo Português está em luta, e que essas estruturas, tal como existem, desaparecerão, passando a reintegração dos deficientes»
(Continua na página 2)



para a participação dos deficientes no processo revolucionário em curso e consequente integração social.

O nosso camarada Calvino iniciou a sessão fazendo uma breve história da luta da ADFA salientando que a formação da Associação não foi efectuada para resolver casos isolados, nem para dar esmolas, mas para criar estruturas de uma verdadeira reintegração, que, ao fim e ao cabo, entraram nos caminhos da libertação do Povo Português. Na sua alocução acrescentou ainda que era do conhecimento da Associação que os deficientes civis lutam com inúmeras dificuldades, mais do que as nossas, porque se encontram muito desligados. «A nós — continuou — unem-nos anos e anos por detrás dos muros dos hospitais, que nos afastaram da «Senhora Direita», que contava connosco. Hoje, temos força para desmascarar essas organizações fantoches que querem aproveitar os deficientes para a manutenção de estruturas fascistas que entrem o processo do 25 de Abril. É necessária, à seme-

tituições públicas e privadas que têm no seu âmbito, de alguma forma, cuidar da situação dos deficientes, que solicitem ao Governo a criação da legislação de rendimento, e sem outra forma de rendimento, um rendimento mínimo de subsistência.

Esta decisão foi aprovada por

A ADFA ACUSA Os Grandes Culpados

O velho sistema, os seus monopólios e todos os lacaios exploradores que mantiveram e que ainda hoje ajudam a sobreviver esse sistema, são sem dúvida alguma os grandes e maiores responsáveis da situação actual exposta na carta que se transcreve seguidamente, e nos foi enviada conjuntamente com um planfeto que oportunamente publicaremos.

« AMIGOS,

Convosco desde sempre, quer no mato africano, ao longo de uma guerra cruel e injusta, quer, agora, na Paz, na Justiça e na Liberdade, a COMISSÃO NACIONAL DOS DEFICIENTES E SINISTRADOS NO TRABALHO, considerando muito graves todos os problemas»
(Continua na página 2)

Reunião de trabalho com DEFICIENTES CIVIS

Continuação da página 1

tes a ser traçada por eles próprios e não por cúpulas, porque tanto uma como outras não estão na luta e não estão identificadas com os interesses do Povo Português.»

Outra proposta cujo conteúdo visava a constituição de uma só associação, abrangendo deficientes militares e civis foi apresentada e ficou guardada para uma futura Assembleia Geral, pois a reunião não tinha a representatividade para uma resolução, em virtude de ser constituída na sua quase totalidade por civis. Estariam duas comissões, uma exclusivamente militar outra exclusivamente civil, funcionando imediatamente abaixo da direcção, constituída por civis e militares, que resolveriam os assuntos, que a um e a outro dos casos dissessem respeito.

A propósito da aprovação do envio da proposta a todas as associações e instituições públicas e privadas, a ADFA endereçou a todas as entidades referidas o seu parecer sobre a mesma, a qual se publica, na integra, no presente número sob o título « Parecer da ADFA » na última página.

Reabilitação

A Luta do Deficiente

Continuação da página 6

tar. Não podemos esperar mais pelo amanhã, temos que começar o assalto das «fortalezas reaccionárias» mas dispostos a ir ao fundo da questão mesmo que seja necessário substituir alguns cravos.

A luta da Associação dos Deficientes das Forças Armadas esbarra de encontro aos mesmos muros que barram o caminho aos operários, camponeses e estudantes. A A.D.F.A. conseguiu equacionar muitos dos problemas que lhe são afectos mas a resolução dos mesmos não é tarefa fácil enquanto os centros de decisão estiverem ocupados por «camaleões» indecisos que esperam voltar à antiga comodidade. Um dos grandes objectivos desta Associação é conseguir a reabilitação e reintegração dos deficientes mas nada de concreto foi resolvido pela Comissão Permanente de Reabilitação, órgão oficialmente nomeado para tal efeito. Pensará a Comissão de Reabilitação Permanente que os deficientes deste país podem continuar a viver em águas mornas? Não, dizemos nós, os deficientes das Forças Armadas. A luta que iniciámos não pode ser adormecida com palavras mansas mas antes exigimos que à frente de órgãos que tratem dos nossos problemas se encontrem homens progressistas interessados em resolver de uma vez para sempre a situação dos deficientes em Portugal. Não interessa ao Povo nem aos deficientes em particular organismos onde impera a ineficácia e a demagogia.

LOPES DIAS

A ADFA ACUSA

Continuação da página 1

próprios dos deficientes civis, e pelos quais tem vindo a lutar desde Junho de 1974, num trabalho árduo, mas sem o relevo da publicidade, com o mais profundo respeito e admiração por todos aqueles que tanto deram, inclusivamente a vida, obrigados por um Governo déspota e demagógico que para proteger os poderosos e privilegiados, foi sacrificando a flor da nossa mocidade, não nos quisemos inserir na vossa Associação, na medida em que por muito dramática que seja a situação dos deficientes civis, não há dúvida nenhuma que vós, amigos, estais sempre primeiro, até porque éreis os primeiros até a perder a vida. Por isso mesmo nunca vos contactámos.

Temos porém, acompanhado os vossos trabalhos e comunicados e verifiquei que a vossa Associação admite a possibilidade de nos unirmos na mesma luta pela recuperação e justiça sociais a que todos os deficientes têm pleno direito e que nos vêm protelando com palavras mais ou menos amigáveis, de muita compreensão, etc. etc. mas que não resolvem absolutamente nada.

Lida a notícia sobre a última reunião que tiveram em que sugerem possíveis Comissões ou Associações de Deficientes Civis queremos informar-vos que após uma manifestação que fizemos na cidade do Porto, no dia 6 de Outubro de 74 que culminou com a entrega no Quartel General da Região Militar daquela cidade, mais propriamente, ao Sr. Brigadeiro Passos de Esmoriz, de um caderno de reivindicações, foi eleita democraticamente uma Comissão que desde então tem tido vários contactos a nível superior com os Ministérios do Trabalho e Assuntos Sociais, fazendo sentir a angustiada situação dos sinistrados no trabalho, especialmente os pensionistas das Companhias de Seguros que ainda hoje — e já vai quase um ano após o 25 de Abril — exercem a mais descarada e vergonhosa exploração do homem pelo homem, numa provocação do Grande Capitalismo à classe trabalhadora, para cúmulo ao abrigo de leis fascistas a vigorar ainda nos Tribunais de Trabalho. E é pela total revisão dessas leis, pelas justas actualizações dessas pensões miseráveis, pensões de fome, que há décadas essas empresas poderosas e podres de ricas vêm pagando aos segurados-trabalhadores, por real e eficaz segurança no trabalho, recuperação para o trabalho de todos os possíveis, de permanente assistência médica, do direito ao trabalho tanto nas empresas, como nos próprios departamentos do Estado para nós e para vós, da urgente nacionalização dos acidentes de trabalho ou das próprias Companhias Seguradoras que continuam a enganar e explorar o trabalhador numa atitude perfeitamente reaccionária, ante o silêncio dos Sindicatos, Intersindical, Partidos Políticos, Governo Provisório e até perante o M.F.A. cujo Programa tem no Sector da justiça

social o lema da protecção às classes mais desfavorecidas que lutamos tenazmente. Ao fim e ao cabo, só demagogia...

Temos tido um certo apoio na Rádio, apelando para união de todos, fazendo ouvir os próprios deficientes, certos jornais também nos têm apoiado, outros não e as Entidades Oficiais dizem-nos — que é muito difícil, que é uma luta contra as entidades privadas, etc. etc. Pois é... E o assunto faz que anda mas não anda, até porque têm todos muito em que pensar e alardear, mas nem sequer se lembram que hoje os trabalhadores válidos poderão ser inválidos de uma hora para a outra e o que o velho sistema maquiavélico e execrável ainda está em vigor.

Pois bem, nós andamos a tentar uma organização eficiente, mas infelizmente falta-nos tudo, inclusivamente colaboração activa, já que estando dispersos pelo País, não é verdade ?

Somos apenas quatro activos, uma viúva pensionista cujo marido morreu a trabalhar (pensão da C.^a S. 237\$50, mensais) e três amputados. Aquela, delegada da Secção Centro-Sul e os demais da Secção-Norte. Só estes tem feito algo e insistido junto do Governo para que solucione tão grave problema e faça justiça real aos milhares de sinistrados-cegos, estropiados, paráliticos — enfim para que se ponha termo à discriminação ofensiva e cruelmente injusta, ante os outros sectores de pensionistas.

De notar que há pensionistas cegos e amputados, idosos, bem como viúvas a pedirem esmola. Em ficheiro próprio temos centenas de casos arripantes de miséria.

E nós perguntamos :

Onde está a justiça do 25 de Abril? Onde está a protecção à classe trabalhadora ?

E a Justiça Social do novo sistema? Que fazem por isso os organismos Sindicais ?

Qual é a atitude do Governo e do M. F. A. ?

Enfim, além de sermos poucos, embora com muita dificuldade trabalhamos e temos pouco tempo e economias débeis para nos deslocarmos aos grandes centros, não dispomos de casa própria para a Organização etc. . Mil e uma dificuldades nos têm surgido, porque por detrás duma C.^a de seguros há sempre um Banco, uma forte empresa, fascistas do antigo Governo comodamente instalados nesses feudos e por por vezes até medo de nos ajudarem nesta luta tão justa e tão humana que vimos travando.

Quem nos acode ?...

É por estas e outras que encontramos já pessoas que até já nem acreditam no M.F.A. e no 25 de Abril, e o trabalho que dá tentarmos entusiasmas-las para um novo Portugal.

E muito longa já vai esta carta. Para terminar esta comunicação da nossa existência e ao mesmo tempo desabafar, só nos resta solicitar o vosso apoio, para que nas vossas reuniões mistas seja permitida a presença de um dos membros (pelo menos da zona Centro - Sul) da delegação da nossa Comissão para coordenar, unificar, trabalhos e esforços, para que se concretize uma realização mais válida, eficiente e objectiva tanto quanto possível para alertar os interessados, levá-los a colaborar connosco e gritar bem alto ao M.F.A. e ao Governo Provisório, que nós deficientes militares e civis não somos lixo, somos seres humanos plenos de todos os direitos, ao trabalho, à vida, à justiça social.»

PARECER DA ADFA

Sobre a proposta apresentada na Reunião de Trabalho com Deficientes Civis

Neste capítulo da integração social, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas não toma uma posição teórica e gratuita, antes procura tirar, com reflexão, da dinâmica revolucionária, uma conclusão real e aí inserir a problemática dos Deficientes.

Considerando assim a referida proposta como resultado duma abstracção teórica que nada se adapta ao momento Português e

que apenas poderá ser considerada em face da estática situação anterior ao 25 de Abril, achamos a solução anti-revolucionária e descabida.

A matéria versada é sim fundamental, mas teremos necessariamente que extrair a solução da referida dinâmica revolucionária, que implica uma mutação social.

A DIRECÇÃO

CARTAS DO LIVRO POESIAS E CARTAS

« JOSÉ BAÇÃO LEAL »

(Continuação do número anterior)

Começo a temer as consequências (imediatas e remotas), sempre as temi porque as sabia, dos dois anos por virem. Desta vez, não sou mais o paisano mal integrado numa organização militar, mas sim o homem ferido em pleno coração dos seus direitos. Sofro bastante, e o que é pior: dolorosamente consciente da inutilidade do meu sofrimento.

Fechado o cerco, sabes de alguém que me liquide? Kid: se (eu) morrer em África (voluntária ou involuntariamente) não permitas — aqui deixo expresso esse desejo — não permitas a utilização do meu nome por quem quer que seja. Em vida só, na morte ainda mais só, até ser a permanente ausência de tudo. Um abraço inacabado.

Zé (bação)

P.S. Diz por mim uma palavra gentil à Vera.

Diz a essa gente que me espetou um cais na areia dos olhos que há duas semanas que vivo de raiva, que bebo cinza e choro. E que chorarei até ao bronze da última lágrima.

Onde esconderam as crianças que sorriam na relva azul da manhã?

AFASTO-ME

ao Francisco

Novembro 64 — Luanda

Daqui, do mar enorme, as minhas 1.^{as} palavras, talvez um tanto marítimas, talvez disformes. Como calculas, esta forçada aprendizagem do degredo nada tem de agradável, muito pelo contrário. Acontece porém que a consciência dum homem é solúvel nalgumas cervejas... Assim, isso: início uma dolorosa bebeideira, uma noite irremediável, um túnel de dois anos. Luís Filipe: «à la santé», que os deuses, essas criaturas despenteadas, te sejam favoráveis.

ao Luís Filipe

Nov. 64 — Abordo do Niassa

Muito injustamente enviei-te na passada 6.^a feira um magro S.O.S. Hoje, domingo de manhã, recebi resposta antecipada, dado que não a escreveste impulsionado pelo meu pedido de palavras amigas, da tua palavra amiga. Foi duplamente reconfortante.

A guisa de esclarecimento: conheço as dimensões aproximadas da minha dor de mortal, e a sua relação com a dor da espécie humana. Assim, sou apenas um humilde aprendiz do sofrimento, humilde e atento aprendiz, como entenderes. Mas regressando ao teu convívio de lúcido amigo, aqui vou vivendo desérticas horas, horas que tento aproveitar lendo na tal «areia ne-

gra» o destino possível, urgente, de meu irmão: o Homem.

Luís: um dia escrevo a sórdida evidência destes meses, escrevo onde nenhuma mão possa tocar.

Um abraço forte: e perdoa os prováveis, futuros S.O.S.

o teu amigo (quê?), Zé

P. S. Aproveito: um Natal, entre os teus, prolongado e feliz

ao Luís

13 Dez. 64 — Alto Molocué

Desejaria ajudar-te enviando-te sementes de esperança... Mas também eu, Tó Manuel, sem dúvida numa expressão mais doce, menos perigosa, vivo este tempo da neve longe.

O que me contas na tua última carta é deveras alarmante. Calculo o teu desespero, como o calculo; Falas-me «no cheiro de sangue», «nas tuas mãos desencantadas»... e eu não sei que dizer-te, pura e simplesmente não sei. Posso, talvez, desmentir-te gritando-te que não esquecerás a neve, que não atraçoaste, sim: que não és dos que esquecem a neve, dos que atraçoam, desmentir-te com convicção. Posso, sinto que devo. Ou gritar-te que um dia haverá «paz entre as oliveiras», ignorando contudo a tua reacção.

Desabafa, escreve, julgo que ainda será um modo de recuperar o mundo, os ciprestes gelados da infância.

Recebe por hoje, um abraço entre saudades e esperança. E sorte! Zé.

P.S. Nem o Manuel, nem o Luís Filipe me escreveram (eles lá sabem). Alegro-me o endereço Ultramarino do primeiro, bem como o seu provável casamento. Anuncia-me, a seu tempo, a publicação do livro.

P. S. Vou enviar-te «Artes e Letras» periodicamente.

De acordo?

ao Tó Manuel

24 Mar. 65 — Alto Molocué

Bom Dia Ubérrima Noite

César:

De algo preciso como «Terra Imóvel».

Chegou há pouco a mãe da Ana Maria. Eu que estava abúlico, neura, recuperei logo. Numa linguagem viva e fresca, descreveu-nos peripécias do seu «séjour au Gurulé». Conseguí rir (notável!). Estava abúlico, neura com razão: o correio não foi, desta vez, generoso. O Tó Manuel, por exemplo, não «canta» há mais de um mês. Julgo-o bêbado, só, ferido. Ferido por dentro, onde se pensa a alma. A completar o quadro, o inverno acor-

dou. Chove «todo o santo dia», uma chuva anónima, pouco exaltante. Temos que convidar o Antonioni, mestre em desertos e sentimentos ou sentimentos desertos, a vir estudar este deserto verde. Talvez ele emende o seu vermelho.

Não era minha idéia falar-te no teu deserto, mas visto que te encontras nele (deserto) a sós com um camelo que não quer andar, aproveito.

César: humilde, pura, simplesmente, aconselho-te a seguires a pé com a antiga serenidade que te conheci, e muito, sempre a apreciei (que estou de fora? não digas isso...).

Sem me intrometer no teu campo profissional, antes equacionando os dados que a intuição me fornece, facilmente chego a esta conclusão: esse sujeitinho (capitão) é um doente mental em vias de se tornar um caso perigoso. O seu discernimento cabe na tua mão fechada (expressão que aprendi com o Pedro C., numa noite de Évora ao sabor das ruas).

CÉSAR: Um selo no assunto.

DESTINO: Esquecimento.

VIA: Confiança e Coragem.

Igualmente ri (notável?) com o: «A GIRL!», em que o Tiago aparece um pouco como prometido com os seus rápidos anos. Continua a inspirar o inverno de Londres. E eu cada vez mais saudoso dum história europeia. Regressaremos, César, talvez seja preciso.

Saiu, em Lisboa, um livro de Franz Fanon, um dos mais pertinentes, a meu sentir, teóricos marxistas da revolução africana (argelina, em particular). Homem que nunca se afastou da «verdade prática», morto (leucemia, creio) aos alvares da vitória. Médico, psiquiatra ou neurologista, incansável amante dos seus irmãos «condenados». O Livro chama-se: «os condenados da Terra» (les damnés de la terre) e é uma edição da «Ulysseia». Deve ser proibido breve. Se tiveres oportunidade pede-o: trata-se dum obra à medida do grito que não podes dar, uma obra que te acaricia no que sentes. As obras que possuo dele emprestei-as àquele amigo que me escreveu de Angola, carta que te li: Um abraço: vem antes do dia 21: ZÉ.

Escrevo-te da sumptuosa sala de jantar (estilo: rococó cafreal) da minha nova residência. Isso fiz a mudança.

O Sr. M. «confidenciou-me» que a vossa viagem foi estnpenda. De resto, ias bem acompanhado. Pessoalmente, gosto do verde nos olhos... (qual é o mandamento?). Pensei escrever-te por esta razão: não racionei a tempo de entregar o gira - discos ao 1.º Sarmento que me perguntou pela tua camisa, e por isso peço desculpa.

Es capaz de receber só no regresso de Nampula, esta missiva.

Um abraço: Zé.

ao César

Alto Molocué

César:

HUMANA MISÉRIA COMO ESTA JAMAIS JULGARA...

VOU RECLAMAR:

NEM UMA FLOR BRANCA ENTRE OS CORVOS.

César:

IMAGINA QUE O COMANDANTE ACUSA-ME VERBALMENTE (POR AGORA) DE TER TENTADO UM LEVANTAMENTO DE RANCHO, AQUANDO DA NOSSA CONVERSA NA MESSE SOBRE A RESPONSABILIDADE DO OF. DE DIA NO CASO DE UM LEV. DE RANCHO.

SE NECESSÁRIO PODEREI CONTAR COM O TEU TESTEMUNHO?

César: O TEXTO DA PUNIÇÃO É A MAIOR «FILHA PUTICE» QUE CONHEÇO...

César: NÃO TARDA, DIZEM, ABANDONO O ALTO MOLOCUÉ. DEPOIS DE AMANHÃ TERMINO A PRISÃO.

César: ONDE OS HOMENS DE PORTUGAL?

1-6-65

Alto Molocué

César:

Os únicos católicos Bons que encontrei seriam igualmente Bons, mesmo sem Deus. Pretendo afirmar que a sua bondade (deles, católicos Bons) é anterior a Deus, e nunca posterior ao conhecimento de Deus, nunca consequência.

Abraçar o catolicismo lembra-me algo como legitimar o egoísmo. Esta uma verdade que me dói no sangue. PERDOA-ME, César, mas hoje tinha que dizer isto a alguém. Escolho-te a ti, porque te considero um católico Bom, porque, penso, não me levarás a mal.

Lendo antigas cartas do tó manuel, tropeço nesta frase excessiva, mas pertinente: «É uma questão de erguer o tronco e esperar o fim. Onde quer que seja».

Bom amigo: fartei egoísmo e frivolidade (mediocridade, também). Preciso deixar o Alto Malócué rapidamente, preciso varrê-lo, como coisa suja, do chão da minha vida. Não vou admitir que se morra mais que uma vez.

Um abraço: Zé.

6-6-65

Alto Molocué

ALGUÉM

Sou alguém ...
 Que despreza o mundo
 Os vícios e a alegria realizada
 Que destesta a sociedade
 Suas corrupções e mecanização efêmera
 Sou alguém... que se intitula
 Um povo operário e oprimido!

Sou alguém...
 Que despreza o capitalismo
 As guerras e a morte organizada
 Que de esta a burocracia
 Suas ideias e opressão tenebrosa
 Sou alguém... que se intitula
 Um povo operário e oprimido!

Sou alguém...
 Que viu nascer a revolução
 Do nada, apenas da vontade de ser alguém
 Que viu crescer da manifestação
 A imensidão do povo que se une com fé
 Neste país... que se intitula
 Livre, e capaz de ser grande

Sou alguém...
 Que despreza a ditadura
 Suas entranhas e política desigual
 Que detesta as opressões estaduais
 Seu roubo da liberdade do povo
 Sou alguém... que se intitula
 Um povo operário e oprimido!

Sou alguém...
 Que despreza o idealismo
 As discriminações e exílios forçados
 Que detesta as influências implantadas
 Sua intromissão e subjugamento
 Sou alguém... que se intitula
 Um povo operário e oprimido!

Sou alguém...
 Que viu nascer a vontade de querer
 Na paciência esgotada pela guerra
 Que viu crescer o grito rouco
 Destas gargantas sequiosas de liberdade
 Neste país... que se intitula
 Livre, de ser aquilo que quiser

Sou alguém...
 Que despreza aquilo em que nasceu
 O medo, e obediência no terror
 Que detesta consentir ideias desumanas
 Na angústia duma esperança inexistente
 Sou alguém... que se intitula
 Um povo operário e oprimido!

«JOÃO AMARO»

A Vingança do Fascista



ÀS CRIANÇAS

Bendito seja o riso das crianças
 Que em nossos corações é luz de amor
 Bendito seja essa mimosa flor
 Que tanta vez nos vem encher de
 esperança.

Bendito sejam as louritas tranças
 Que enfeitam tanta fronte de alva cor
 Benditas as mãozinhas que em fervor
 Num gesto de oração pedem bonanças

Bendita seja ainda a cor morena
 De tanto rostozinho de açucena
 Aonde os olhos negros dão magia

Bendita seja ainda a cor do mar
 Que tanta criancinha tem no olhar
 Como estrelas brilhando à luz do dia.

Maria do Céu

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

1 — Papá (bras.); Tudo o que concorre para um fim (pl). 2 — Sopés; Farinha grossa. 3 — Casa; Greda branca; Afluente do Sorraia. 4 — Zangava; Sela. 5 — Tornara seco. 6 — Chinela de Cortiévão. 7 — Habita; Estremidade dos braços. 8 — Nome de fruto; Animal de lida. 10 — Da boca; Nome de um mês. 11 — Sana; por asas.

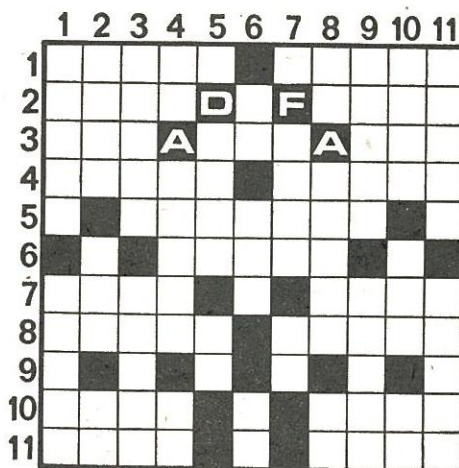
VERTICAIS

1 — Parede dos ventrículos laterais do cérebro dos mamíferos; nome masculino. 2 — Por abas; emissão de voz; batráquio. 3 — Estacam; anjar à roda. 4 — Carta de jogar; Vercejar; acolá. 5 — De prego elevado; Ala do Exército. 6 — Aparência; Viscera; Abreviatura de francês. 7 — Prender com gavinhas; Pron. pessoal. 8 — Sufixo de agente; põe arame; Ruim. 9 — Mulher bonita (pop); tens raiva. 10 — Impulso; Tom; seguia. 11 — Festa nocturna; Irmã.

PROBLEMA N.º 5 SOLUÇÕES

HORIZONTAIS : — 1 — Ovo; Tarimba; Das. 2 — Pausas; Escalã. 3 — Alvos; Sol; Aires; 4 — Ais; Casal; Vil; 5 — PDR; Fadario; Ais. 6 — AO; Erro; Gomo; AA. 7 — Alia; Basico. 8 — Apts; Dar; Tropa. 9 — Da; Rolar; Bie; Ar. 10 — Ana; Sim; Vir; Tui. 11 — Sol; Salas; Teso.

VERTICAIS : — 1 — Opa; Paradas. 2 — Valado; Pano. 3 — Ouvir; At; Al. 4 — Sos; Elar; 5 — Tas; Frisos. 6 — As; Cara; Lis. 7 — Saído; Dama. 8 — Irosa; Bar. 9 — Largar; Va. 10 — Be; Lios; Bis. 11 — Asa; Omitir. 12 — CIV; Ocre. 13 — Daria; OO; Te. 14 — Adelia; Paus. 15 — Sas; Salário.

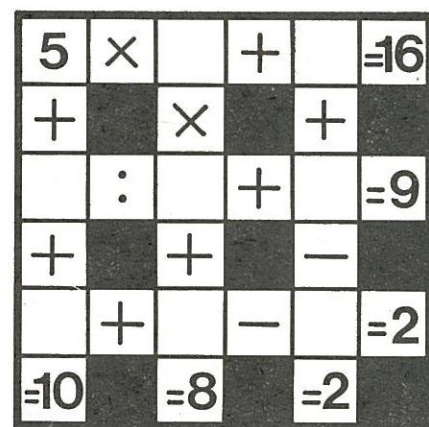


ARITMOGRAMA

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 5

Horizontais : — 3×2+1= 7
 4 : 2+8=10
 2+9=5= 6

Verticais : — 3+4+2= 9
 2×2+9=13
 1+8=5= 4



J. Paoro

ASSINE E DIVULGUE - JORNAL "ELO"

Assinar o ELO significa estar de acordo com um conjunto de ideais e sobretudo apoiar os deficientes na sua luta.

A divulgação do ELO estará de certo modo dependente da boa vontade de cada um.

Assinatura Semestral — 30\$00

Assinatura Anual — 60\$00

Escrevam para o Palácio da Independência (JORNAL ELO), Largo de S. Domingos — Lisboa - 2.



ACTIVIDADES DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Educação e Cultura

A actividade desta Secção nos últimos tempos, tem-se inclinado no sentido de dar aos seus associados uma boa Biblioteca e nela inserir boas obras.

Como ficou expresso no nosso jornal de 31 de Janeiro passado, de que, uma biblioteca deve estar sempre actualizada, tem pois a informar os nossos associados de que a nossa Biblioteca insere já uns bons milhares de livros da mais variada Literatura, neste sentido informa ainda que, dentro em breve podem os nossos associados consultar sempre que o desejem, as obras que mais lhes aprouver, pois que, ao seu inteiro dispôr irão ficar, mediante uma requisição a ser preenchida nesta Secção.

Mas, para que na Biblioteca se note também assiduidade da parte dos Deficientes visuais, está esta Secção a envidar no sentido de formar uma Mini-Biblioteca Sonora. Mas para a formação desta, têm que ser feitas várias aquisições, tais como: a compra de um «Aparelho Leitor» com fitas especiais, Locutores Profissionais, etc.

Tem esta Secção a informar os associados do seguinte:

Vai ser posta em funcionamento uma Escola de Dactilografia, mas esta aqui na nossa Sede, pois que é já do conhecimento dos nossos associados de que funciona uma Escola de Dactilografia no H.M.P. (Anexo).

A data para início de curso será uma data a anunciar. Quanto ao horário, será a partir das 20 h.

Reabilitação

A A.D.F.A., tem vindo ultimamente a envidar todos os esforços no sentido de concretizar uma das suas mais prementes aspirações, Reabilitação e Integração Social de todos os Deficientes das Forças Armadas.

Ora, parece-nos que sem umas instalações convenientes a uma adaptação imediata de oficinas-escolas, não poderemos ajudar na totalidade esses nossos camaradas. Na verdade, temos algumas instalações já em vista, mas em qualquer delas, haverá modificações a fazer, algumas de raiz, a fim de que haja todo um conjunto de factores apropriados que beneficie a livre deslocação de qualquer Deficiente, só depois das instalações, já em vista, remodeladas ou feitas de base, poderá a A.D.F.A. encontrar forma de resolver casos de certa gravidade que nos aparecem dia a dia.

No entanto, enquanto a nossa Associação batalha (e a batalha não tem sido pequena) em prol da Reintegração Social não só dos Deficientes Militares como também

dos Deficientes civis, é com certa mágoa que nós ao visitarmos centros de Reabilitação verificamos que de 400 empregados de um Centro, apenas se encontram cinco ou seis Deficientes. Porquê?... Será que o próprio Deficiente, em plena revolução, ainda não se apercebeu que tem direito a lugares que há muitos anos lhe foram negados? Ou será que esses centros ainda continuam a negar ou a dificultar a entrada dos Deficientes para os seus quadros? Claro que o problema da integração social do Deficiente, se insere na política Nacional de reestruturação e de infra-estruturas, mas os primeiros passos tem de ser dados e ninguém melhor que os próprios centros poderão fomentar o emprego do Deficiente reabilitado.

A nossa Associação neste momento emprega cerca de quarenta Deficientes os quais produzem exactamente o que produziriam se acaso a guerra colonial não os tivesse deixado Deficientes.

Em face desta nossa experiência, ninguém poderá duvidar da rentabilidade de qualquer Deficiente, assim, todos temos que lutar numa verdadeira revolução popular para uma sã e útil reintegração sócio-económica do Deficiente.

Procura e Oferta de Emprego

Tal como vínhamos dizendo no último número do nosso jornal, tem vindo esta Associação a esmolar trabalho, para aqueles que, vítimas duma guerra estúpida e injusta para sempre ficaram limitados.

De facto os grandes culpados de toda a opressão nunca tentaram encaminhar o deficiente para a Reabilitação Social da sua indiferença e inoperância, durante catorze anos de luta fratricida, criando uma situação humilhante, que neste aspecto se reflecte num clima de dependência e de frustração.

Senão vejamos: camaradas que por exemplo contraíram deficiência de natureza psico-patológica, foram e continuam a ser lançados às feras, que ao fim e ao cabo é a sociedade que não os aceita.

Há felizmente, inúmeros casos de camaradas que dentro da sua deficiência psico-patológica, se encontram aptos a desempenhar um determinado tipo de trabalho mas, pelo facto de estarem rotulados por essa sociedade que tem obrigação de os encaminhar mas em contrapartida sempre lhes fechou as portas.

Quando é que as pessoas deste Portugal «que se diz Novo» se voltam para o problema da Reabilitação Social do deficiente pela via do trabalho e o encaminha devidamente?

Quando é que os responsáveis deste Portugal «que se diz Novo» olham verdadeiramente o problema do deficiente, com todas as suas sequelas, e o reintegra efectivamente na sociedade que sempre lhes pertenceu.

Camaradas deficientes, a nossa tarefa é grande, disso não tenhamos ilusões, temos uma grande batalha a enfrentar.

Não fiquemos de braços cruzados à espera que a nossa Associação, nos resolva os nossos problemas; vinde até nós, para que todos juntos possamos encetar uma frente de luta, para dizermos finalmente e definitivamente não à Segregação, sim à reintegração social a todos os níveis.

Jornal ELO

Continua a acentuar-se o desenvolvimento do nosso Jornal e a sua divulgação por intermédio dos nossos associados, implicando, como se tem vindo a verificar nas últimas semanas, um grande incremento no número de assinantes que aumenta dia após dia, o qual se tem notado mais notoriamente depois da realizada sessão de esclarecimento e consciencialização, a que alguns não compareceram por vários motivos, uns por impedimento da sua vida particular ou por residirem longe, outros pelos boatos levantados de que a sessão não se realizaria porque o governo tinha proibido todas as manifestações do dia 31 de Janeiro, dia em que se realizou a referida sessão.

Para muitos deficientes, esta jornada de convívio foi um grande incentivo para o aprofundamento da sua vida associativa, para outros, porém, foi o início da participação de uma obra que é de todos nós, e de que só com todos se poderá construir aquilo por que todos anseiam.

Com o intuito de esclarecermos todos aqueles que não estiveram presentes na nossa sessão de esclarecimento foi publicado no último número um artigo bastante extenso sobre a sessão expondo-se muito minuciosamente todos os acontecimentos, com destaque para as alocações proferidas pelos elementos do MFA que foram transcritos integralmente.

Se conseguimos transmitir a todos uma panorâmica pormenorizada de mais uma grande reunião de trabalho alcançámos inteiramente os nossos objectivos.

Flores de Sangue

Tal como nas sociedades animais, também na sociedade dos homens, existe a desigualdade entre os indivíduos. Os fundamentos desta desigualdade estão na força física que alguns indivíduos tinham sobre os outros. No primeiro caso, de base puramente animal, a situação mantem-se como nos tempos primitivos em que a força muscular determina quais os chefes do grupo. Esta predominância física pode ser comprovada por estudos científicos em grupos de animais gregários.

O Homem, como animal que é, estaria sempre sujeito à prepotência física de alguns se não tivesse consigo a grande arma — a RAZÃO.

Na união da força física com a inteligência estão os fundamentos da desigualdade humana que durante milénios foi aceite fundamentada em mitos religiosos ou pela força dos poderosos. A fuga da animalidade tem sido um caminho moroso e árduo, mas a mesma inteligência que serviu para ajudar os poderosos nos caminhos da injustiça, é a mesma que dará e restituirá a todos os homens a sua dignidade como seres humanos.

Numa visão global da história, podemos observar com nítida satisfação, a marcha universal para a dignidade da pessoa humana como homem racional que é. Constatamos que nos acontecimentos que dia a dia nos chegam, ainda estamos longe dessa tal dignidade, justiça e igualdade mas teremos de concordar que já se andou muito desde a revolta dos escravos do Império Romano até aos nossos dias, passando pela Revolução Francesa de 1789 que foi a grande bola de saída com a sua trilogia: — LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE.

Nada poderá deter a Força da Razão embora aqui e ali ela possa ser derrotada e substituída pela força de bestas sanguinárias.

Não interessa aos detentores do poder que cada homem use as suas capacidades pensantes que de imediato o levam a ver quão baixa anda a sua dignidade.

Amigo, se pensas que com a tua deficiência ficaste aniquilado como homem, estás enganado!... Mais do que nunca o homem compreendeu que a sua força reside na sua inteligência e que a força física será a pouco e pouco substituída por máquinas fruto do seu intelecto. Como vês, cada dia que passa, o homem adquire cada vez mais a sua dignidade como ser pensante mas diversificado na igualdade.

Acaso não temos nós, deficientes, as mesmas potencialidades intelectuais comuns a todo o ser humano? Temos com certeza. Compete-nos mostrar ao mundo que de facto o intelecto supera a matéria e não é pelo facto de um indivíduo ter falta de mãos, pernas ou olhos que perde a dignidade humana.

Teremos que mostrar aos que nos rodeias, as flores da razão que apesar de ensanguentadas não deixam de ser flores.

M. LOPES DIAS

PONT ZER

Numa Sociedade Capitalista como a Portuguesa as forças exploradoras, perante a perspectiva dum tomada de poder pelos trabalhadores, vestem camuflados com as cores da Democracia, tentam vergonhosamente manipular as massas desviando-as da «organização de base» e provocando uma corrida às «URNAS» que, em face da despolitização por longos anos de obscurantismo, se podem antes apelar de «CAIXÕES».

PARA A HISTÓRIA DA ADFA

«A Reintegração percorre também os Caminhos da Liberdade»

É evidente que os caminhos da liberdade, por serem, eles também, os caminhos da Revolução, são caminhos minados pelos reaccionários que de modo algum abdicarão dos privilégios de um regime como o de Salazar e Caetano.

A ADFA, desde o primeiro dia, iniciou, ela também, a escala difícil pelos então atalhos que leva-

riam aos caminhos da libertação. Por esses atalhos ainda outras forças exploradas pelo fascismo e avizinha-se para breve a Grande Concentração de massas no limiar da grande estrada por onde não-de caminhar operários, camponeses, soldados e marinheiros e formando um todo proletário que porá fim a toda e qualquer forma de exploração do Homem pelo Homem.

A organização dos trabalhadores nos escritórios, fábricas, oficinas, campos e quartéis começa a ser uma realidade. A fuga às decisões de cúpula de partidos e organizações que até aqui tinham permitido uma divisão de massas começa a ficar para trás, perdem a-

quele combóio que em 25 de Abril, arrancou decididamente contra o capital.

A História da ADFA foi, é, por hora a História de uma Revolução.

Avançamos no tempo e no espaço... ultrapassámos barreiras partidárias e organizações que lhes estão enfeudadas. Criou-se uma consciência política de base generalizada à grande maioria dos marginalizados e por tal oprimidos; constituímos uma força viva ao serviço da revolução; somos no tempo presente uma força que saberá ombrear com todos aqueles que, tal como nós, se sentem ameaçados pelo possível contra golpe.

LEI ELEITORAL

Comunicado da Comissão Eleitoral

Para conhecimento de todos os Associados, abaixo se publica a legislação, segundo a qual irá funcionar todo o processo eleitoral, para os Órgãos administrativos da A. D. F. A.

Quaisquer outros esclarecimentos mais detalhados, poderão ser fornecidos a quem os solicitar junto da Comissão Eleitoral.

CAPÍTULO I

Da Comissão Eleitoral

Art. 1.º — Será formada uma Comissão Eleitoral constituída por 5 elementos, sendo um nomeado pela Direcção e os restantes eleitos pelos associados em reunião de trabalho.

Art. 2.º — Esta Comissão terá a seu cargo a recepção das listas bem como a orientação de todos os trabalhos inerentes ao acto. Estabelecer doutrina em casos não previstos na presente Lei nem nos Estatutos da A.D.F.A., não podendo os seus elementos figurar como proponentes.

Art. 3.º — Com o fim de evitar equívocos que possam prejudicar a honestidade do acto, pode e deve a Comissão Eleitoral tomar as precauções que julgar necessárias.

CAPÍTULO II

Da fórmula das Listas

Art. 4.º — As listas terão a seguinte fórmula:

a) em primeiro lugar, o cargo inter-órgão, seguidos dos nomes e número de sócios dos candidatos propostos.

b) em segundo lugar os nomes e números de sócios dactilografados dos proponentes, que deverão ser em número de vinte, tendo à frente as respectivas assinaturas.

c) em terceiro lugar uma declaração colectiva feita pelos elementos propostos, nos seguintes termos:

— Os abaixo assinados, declaram que tomaram conhecimento da sua proposição para os cargos atrás referidos. Mais declaram e eleitos, aceitam o cargo e empenharão todos os seus esforços no sentido de servir com a maior lealdade e dedicação, os superiores

interesses da ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS. E vão assinar pela mesma ordem em que estão na proposta.

CAPÍTULO III

Das Incapacidades

Art. 5.º — Constitui matéria de incapacidade o seguinte:

a) para candidatura: o anterior comprometimento com o regime fascista.

b) como eleitor: se se verificar a presença de conflito de interesses entre a A.D.F.A. e o associado.

CAPÍTULO IV

Da apresentação das Listas

Art. 6.º — As listas serão entregues em mão, por um mínimo de três sócios proponentes, à Comissão Eleitoral. No momento, serão portadores dos cartões de sócios da A.D.F.A. de propostos e proponentes. Na impossibilidade de apresentação deste documento, exhibirão em vez deste, o B.I. civil ou Militar também de propostos e proponentes, à Comissão Eleitoral, que para o efeito passará um recibo, se reconhecer a legalidade da proposta.

a) só em posse desse recibo poderão os propostos iniciar a sua propaganda eleitoral.

b) para o efeito poderão os candidatos propostos, fazer uso de determinados meios da A.D.F.A., nomeadamente um duplicador com papel e matrizes, máquina de escrever, papel e telefone.

c) as despesas com os meios previstos na alínea anterior, não poderão ultrapassar Mil Escudos por lista e deverão ser justificadas se a Comissão Eleitoral o exigir.

d) qualquer transgressão a este articulado implica a eliminação da lista ou listas que contiverem o nome dos transgressores, quer sejam propostos ou proponentes. Art. 7.º — As listas deverão obedecer ainda aos seguintes condicionamentos:

a) deverão ser presentes à Comissão Eleitoral elaborados em impresso próprio que este órgão, fornecerá gratuitamente a quem o solicitar.

b) não poderão conter um nome, que figure simultaneamente como proposto e como proponente.

c) nenhum associado pode figurar em mais que uma lista.

CAPÍTULO V

Do funcionamento da Assembleia Geral Ordinária

Art. 8.º — Serão obrigatoriamente respeitados os artigos 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º do cap. IV SEC. II dos Estatutos da A.D.F.A..

Art. 9.º — O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, ou no seu impedimento o seu legal substituto, nomeará de comum acordo com a Comissão Eleitoral, um grupo de associados em número que lhe pareça necessário e suficiente, para que o escrutínio seja efectuado com o máximo de precisão e rapidez, contendo obrigatoriamente um representante de cada lista.

Art. 10.º — Haverá na sala quatro urnas junto de cada uma das quais, estará um caderno eleitoral, onde os sócios estarão por ordem alfabética e onde será dada baixa dos nomes correspondentes aos eleitores que acabam de votar.

Art. 1.º — As listas e os respectivos programas deverão ser entregues à Comissão Eleitoral até às 19H00 do dia 10Mar75.

a) o não cumprimento da alínea anterior implica a anulação da candidatura.

Art. 12.º — A Comissão Eleitoral deverá expedir para os associados as listas e os respectivos programas até às 24H00 do dia 13Mar75.

Art. 13.º — A resolução de situação imprevistas que possam surgir, quer no acto Eleitoral, quer durante a campanha, será exclusiva competência da Comissão Eleitoral.

Mais se informa que a referida Comissão é constituída pelos seguintes elementos:

Luís Manuel Vogado do Carmo Marques, António Luís Leite Nogueira, Marcelino José Silva Dias, Nuno José Andrade de Almeida, Ludgero dos Santos Sequeira.

Palácio da Independência, 28 de Fevereiro de 1975

Pela Comissão Eleitoral

Luís Manuel Vogado do Carmo Marques

REABILITAÇÃO

A LUTA DO DEFICIENTE

Nestes últimos meses, a vida agitou-se por todos os lados onde as massas trabalhadoras são uma força de produção. Os sindicatos organizam-se e unem-se numa única força capaz de fazer frente ao capitalismo explorador. A classe estudantil luta pela democratização do ensino e pelo saneamento dos falsos mestres. Dia a dia, os podres de um regime Fascista e cinquentenário, desembocam no M.F.A., Governo Provisório, como um esgoto enorme ameaçador de contaminação. Sabemos que só é possível que esta avalanche de problemas baseados na injustiça e corrupção, chegue intacta aos homens do M.F.A. porque à frente das Repartições Estatais, das empresas

industriais e agrícolas, das escolas, das Associações e Hospitais continuam os mesmos indivíduos que se serviram dessa mesma corrupção fascista para oprimir o Povo e aumentar os privilégios e riqueza pessoal. O Povo está em luta mas enquanto esses senhores continuarem no seu «poleiro», o Povo não conseguirá entrar dentro da «capoeira» limitando-se a comer o «milho» que sobra aos senhores do «poleiro».

O caminho para o Socialismo, encetado em 25 de Abril, não pode ser cortado pela máquina burocrática fascizante que nada resolve vivendo de promessas no amanhã que adormecem os que querem lu-

Continua na página 2